

Ações antrópicas e patrimônio

Apresentação do dossiê

Ações antrópicas e patrimônio

Paulo Henrique Martinez

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0001-8662-0371>

E-mail: ph.martinez@unesp.br

Uma vez mais a revista *Patrimônio e Memória* atende aos seus leitores, autores, pareceristas, editores, colaboradores, frequentes e eventuais, simpatizantes e entusiastas, consagrando-lhes um dossiê construído coletivamente a partir dos reclamos do tempo e de uma época conturbada, da demanda espontânea, do incentivo ao compartilhamento de resultados parciais e gerais de pesquisas recentes e de temas congruentes com a realidade social durante a pandemia mundial e as mudanças climáticas globais.

Esta edição sai bafejada pelos riscos inerentes ao dinamismo da propagação de Covid-19, com o seu séquito de cepas e variantes ocasionais e regionais, assombrados pela recessão econômica que reaparece para cozinhar em banhos de sangue e suor e para cobrar em libras de carne humana o compromisso histórico da acumulação acelerada de capital. Um processo contínuo, tétrico, perverso, movido às custas do trabalho assalariado, formal e informal, do desemprego, da fome, da destruição dos ecossistemas, da predação das paisagens, dos elementos do solo e do subsolo, de sua exuberante biodiversidade, da espoliação das terras e das águas das comunidades ditas tradicionais, notadamente, das nossas populações indígenas, sem poupar as mulheres, reduzidas, incessantemente, a meros instrumentos de produção, e as populações pobres, negras ou não, e excluídas dos benefícios materiais e espirituais da sociedade do conhecimento e da tecnologia, na nova Jerusalém do mundo pós-industrial. Estas compõem e incham as bordas recheadas das periferias urbanas pelo mundo afora. Terreno fértil, ainda que pouco germinado, para novas Canudos.

O tormento dos corpos, corações e mentes aflora nas ruas, sob pontes e viadutos, sobre a relva verde-pardacenta dos gramados de nossas exíguas áreas verdes. Que foi feito da vida urbana e, diga-se, também da urbanidade? No ciclo da contrarrevolução aberta e dissimulada, iniciada no Brasil, em 2016, as ações humanas não deixam de nutrir vorazes apetites nos encontros, casuais e programados, que compõem a nossa guerra civil cotidiana. Para a proteção e a promoção de nosso patrimônio arquivístico acredita-se na escalação da destreza de um atirador “esportivo” para assumir a direção do Arquivo Nacional. Mentes vazias e dedos nos gatilhos não criam, tão pouco animam condutas positivas nas políticas públicas, em nenhuma área da atuação do Estado, da sociedade civil e do chamado “terceiro setor”. Evoé, Pantanal! Axé, Cerrado dos Kalunga! A benção, Mário de Andrade! Que venham os arqueólogos da memória colonial! *Vade retro*, tecnocratas de Curitiba!

Nas páginas deste número encontramos seis artigos dedicados às consequências, desafios e alternativas, sonhos e esperanças, à reflexão e ao exame de fatos, dados e documentos em torno de diferentes tipologias de patrimônio, em estreita vinculação com ações antrópicas, individuais e coletivas, públicas e privadas, pontuais e específicas, abrangentes e gerais, nacionais e estrangeiras, mundiais. As mudanças climáticas globais e a tecnocracia dão o tom. O povo vaia, faz troça, despacha memes.

Dez artigos completam essa edição. Autoras e autores de distintas vinculações institucionais e disciplinares dilatam o escopo das tipologias, dos espaços nacionais e latino-americano, abordam questões e oferecem estudos de casos diversificados. Patrimônio, cultura, memória, formas de sociabilidade, cultos e devoções de espíritos laicos e religiosos. Os artigos nos inspiram a todos, a todas, a todes. Estendem a mão ao diálogo, ao pensamento, à incontornável reconstrução científica, cultural, educacional e social de um País. Atentos, observam recomendações técnicas, normas e legislação, usos, hábitos e costumes, procedimentos de boas práticas sanitárias, pedagógicas, culturais, filosóficas. Usam álcool em gel e ninguém solta a mão de ninguém. Valha-nos, Amazônia! Vivam os Yanomamis!

Paulo Henrique Martinez é Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Livre-Docente em História Ambiental pela UNESP, câmpus de Assis. Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). Doutor e Graduado em História pela USP.

Como citar:

MARTINEZ, Paulo Henrique. Ações antrópicas e patrimônio. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 2, p. 1-3, jul./dez. 2021. Apresentação do dossiê: *Ações antrópicas e patrimônio*. Disponível em: pem.assis.unesp.br.